

HOMILIA – 13 de Maio de 2012

Ap 21,3-4

Rom 12,1-2

Mt 12,46-50

Caros irmãos e irmãs,

há muitos anos, na minha juventude, estava também eu aqui no meio da grande multidão dos peregrinos numa jornada luminosa como esta. Sinto-me também hoje próximo de cada um de vós, com o olhar simples e espantado dos três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta, dirigido para a Mãe do Senhor, na escuta da sua voz. Ela envia-nos para a Palavra de Deus que ressoou agora nos nossos ouvidos e nos nossos corações, nesta solene liturgia. Escolhemos para a nossa reflexão um único símbolo que possa recolher na unidade a multiplicidade dos temas, dos pensamentos, das imagens que as três passagens bíblicas nos ofereceram.

É São Paulo que o propõe no fragmento da sua obra-prima teológica, a carta aos Romanos, acabado de proclamar. O Apóstolo diz literalmente, em grego: “Oferecei os vossos *sómata*, [os vossos] *corpos* a Deus”. Eis o grande símbolo que está em nós e ao nosso lado, antes, que somos nós próprios e os nossos irmãos e irmãs. De facto, o corpo não é só um aglomerado de células, um organismo biológico, mas é a sede da nossa alma, da consciência, da mente; é a via para comunicar a alegria e o amor mas também a dor e o ódio; é “o templo do Espírito Santo”, como dirá aos cristãos de Corinto o mesmo Paulo (1Cor 6,19), mas é também um santuário que pode ser dessacralizado pelo pecado.

Infelizmente, na sociedade contemporânea, são os corpos sem alma a dominar, tornando-se carne sem espírito, ora adorada ora desprezada. Tinham razão os indígenas brasileiros que disseram ao escritor alemão Michael Ende: “nestes últimos tempos, andamos para a frente tão rapidamente com o progresso que temos de parar um pouco para permitir às nossas almas atingir-nos”. Ora bem, o corpo é uma

arquitectura admirável que tem sobretudo no rosto a via para se abrir ao mundo e ao próximo. Procuremos, então, contemplar o rosto em alguns dos seus traços essenciais.

O apóstolo Paulo, seguindo sempre as suas palavras gregas originais, introduz logo a seguir o *nous*, isto é a *mente* que tem na frente e no cérebro a sua representação física. É o pensamento, a razão, o conhecimento. Como dizia o grande crente, filósofo e cientista Pascal, é esta a nossa dignidade mas também o nosso risco. Escrevia: “Dois são os excessos: excluir a razão, admitir apenas a razão”. E continuava: “Empenhar-se em pensar bem é este o princípio da moral... Mas o último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam”.

Na cultura contemporânea, que é muitas vezes fluida, inconsistente, semelhante a uma neblina que não conhece pontos firmes morais e luzes de verdade, o Apóstolo convida-nos a não nos “conformarmos com este mundo”, navegando na superfície à deriva, sem reflectir e interrogar, sem procurar e julgar. Paulo, ao contrário, exorta-nos a “transformar-nos”, tendo a mente fixa no que “é bom, agradável a Deus e perfeito”.

No rosto brilham os *olhos*: eles aparecem no texto fulgurante do Apocalipse que escutamos. A cena é emocionante e João retira-a do profeta Isaías: na cidade da esperança, a nova Jerusalém, Deus passará diante de todos os homens e mulheres e, quando vir as lágrimas descer dos seus olhos, irá ele mesmo enxugá-las. E das estradas daquela cidade logo fugirão todas as tristes presenças que infelizmente neste momento se alojam ainda em Fátima, em todas as cidades e vilas de Portugal, nas nações das quais provêm os peregrinos, nas extremas terras desoladas da Ásia ou da África, nas metrópoles caóticas.

Estes terríveis habitantes chamam-se “Morte, Luto, Lamento, Ânsia”. Muitos de nós viemos aqui com olhos velados de choro. Um antigo poeta grego, Ésquilo, exclamava: “Infinita é a respiração da dor que sobe da terra ao céu. Existirá um deus que a recolha?”. A sua pergunta céptica não tinha resposta. Nós, ao contrário, apresentamos a nossa secreta bagagem de sofrimentos, de doenças, de mal, de pecado, de solidão, de incompreensões a Maria para que a entregue ao seu Filho. E Ele descerá ainda ao meio de nós para cancelar, certamente alguma lágrima, mas

sobretudo para trazer sobre si conosco este peso, caminhando ao nosso lado pelas estradas da nossa vida quotidiana.

Muitas vezes cobrimos a cara com as *mãos* para esconder o choro ou a vergonha ou para nos isolarmos na meditação. Ora bem, depois da mente e dos olhos, as mãos são o terceiro sinal corporal que encontramos na Palavra de Deus desta liturgia. É na cena evangélica que mostra, quase escondida entre a multidão a escutar Jesus, também a sua mãe Maria. Cristo estende a mão para os discípulos e define o vínculo íntimo que o une à sua mãe e a todos nós. É o enlaçar das mãos. E logo a seguir afirma: “Quem faz a vontade do meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

“Fazer”, operar é o verbo típico das mãos. Não devemos ter medo de sujar as mãos, ajudando os miseráveis da terra: para que servirá ter as mãos limpas, se as temos no bolso? Um autor espiritual, Thomas Merton, afirmava: “A vida escapa-nos das mãos, pode escapar como areia árida ou como semente fecunda de obras justas”. O aperto de mãos que nos daremos como sinal de paz seja a promessa de fraternidade operativa, cumprindo “a vontade do Pai que está nos céus”. Fazendo assim, daremos a nossa mão ao próprio Deus e, como dizia o escritor francês, Julien Green, “quando se dá a mão a Deus, ele não larga facilmente a presa”.

O corpo, a mente, os olhos, as mãos: estes símbolos que estão em nós próprios falem sempre aos nossos corações e orientem a nossa vida, sob o olhar de Maria e do seu Filho Jesus. Lembremo-nos uns dos outros, unidos na mesma fé e na comunhão de afectos, para além das distâncias e das dificuldades das línguas. Esta noite, regressado a Roma, da minha janela que dá para a basílica e a cúpula de São Pedro e para a residência do Papa Bento XVI (dezasseis), do qual sou colaborador, confiarei a Deus o nosso encontro. Ele, que conhece cada rosto das suas criaturas, vos abençoe e ponha ao vosso lado um “anjo da guarda à noite transparente”, como cantava de Fátima o vosso poeta Vitorino Nemésio. E, a cada um de vós, Maria refaça a promessa dirigida à Lúcia: “Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus”.